

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Batista
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-227-2
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.2722024071	
CAPÍTULO 2	16
ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO	
Lívia Rocha Helmer	
Reyan Perovano	
DOI 10.22533/at.ed.2722024072	
CAPÍTULO 3	24
O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Cristiane Martins	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2722024073	
CAPÍTULO 4	34
ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.2722024074	
CAPÍTULO 5	48
MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA	
Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves	
Claudia Priori	
DOI 10.22533/at.ed.2722024075	
CAPÍTULO 6	61
CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA	
Rosana Lanzelotte	
Carlo Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.2722024076	
CAPÍTULO 7	72
DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2722024077	
CAPÍTULO 8	82
O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO	
Vitor de Almeida Sawaf	
DOI 10.22533/at.ed.2722024078	

CAPÍTULO 9	94
REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO- APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES	
Lisiane Mari de Souza Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.2722024079	
CAPÍTULO 10	105
A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Clotilde H. Tavares Sandra F. C. Dourado Freire	
DOI 10.22533/at.ed.27220240710	
CAPÍTULO 11	117
HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA	
Leonardo da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.27220240711	
CAPÍTULO 12	130
EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA	
Eliel Almeida Soares Rubens Russomanno Ricciardi	
DOI 10.22533/at.ed.27220240712	
CAPÍTULO 13	143
AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES	
Natasha Satico Miamoto João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.27220240713	
CAPÍTULO 14	151
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.27220240714	
CAPÍTULO 15	158
<i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.27220240715	
CAPÍTULO 16	167
RE-TRATO FEMININO	
Maria de Fátima Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.27220240716	

CAPÍTULO 17	175
UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR	
Thércio Lima Menezes	
Paulo Roberto Affonso Marins	
Eloisa Assunção de Melo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.27220240717	
CAPÍTULO 18	185
OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN	
Ilma Guideroli	
DOI 10.22533/at.ed.27220240718	
CAPÍTULO 19	192
ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO	
Renata Freitas Borges	
Flávio Cardoso Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.27220240719	
CAPÍTULO 20	204
A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>	
Eduardo Antonio Ramos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.27220240720	
SOBRE O ORGANIZADOR	213
ÍNDICE REMISSIVO	214

REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 15/04/2020

Lisiane Mari de Souza Mendes

Campo Largo – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/6150396865122459>

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões sobre alguns assuntos normalmente pouco relacionados à formação musical de professores não especialistas em música, com convicção de que estes aspectos influenciam diretamente o cumprimento da lei nº 11.769/2008, cujo escopo inclui inserir a música no currículo escolar como conteúdo obrigatório. Posto que, onze anos após sua aprovação, o cenário do ensino musical nas escolas brasileiras ainda é tímido e escasso, se faz necessário lançar luz sobre questões importantes, mas pouco discutidas nas publicações existentes sobre o tema. Alguns dos tópicos analisados neste estudo foram: diferença entre inteligência musical e talento, aprendizado do docente amparando-se nos princípios da Andragogia, e a influência de fatores culturais no processo de ensino-aprendizagem do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical.

Andragogia. Formação de professores. Inteligência musical.

REFLEXIONS ABOUT THE INFLUENCE OF CULTURAL FACTORS IN THE TEACHERS PROCESS OF MUSICAL TEACH AND LEARN

ABSTRACT: This work introduce reflections about some subjects usually little related to musical teacher's education not specialized in music, with conviction that point of view directly influence the law enforcement number 11.769 / 2008, whose scope include the music in the school curriculum like a obligatory subject. In fact, eleven years after your approve, the scenenary of musical teaching into the Brazilians schools, it's shy and limited yet, indeed it is necessary a light about important questions, but little discussed in actual published about the theme. Some analyzed topics in this study were: difference between music and talent, teacher's learning supporting on Andragogy's morals, and the influence of cultural factors in the teacher's process of teach and learn.

KEYWORDS: Musical education. Andragogy. Teacher's education. Musical intelligence.

1 | INTRODUÇÃO

Os processos de ensino-aprendizagem em música ainda são permeados de crenças populares e lugares comuns, mesmo entre profissionais da área. Dentre outros pensamentos, merece destaque a ideia de que a existência do talento, ou seja, uma habilidade inata, determina se uma pessoa é capaz de aprender a executar um instrumento ou não.

Sobre talento e inteligência musical, sugere-se uma breve reflexão:

Considerando o elenco das inteligências de uma pessoa, a mais facilmente identificada, mas também a mais “rotulada” é a inteligência musical. Em praticamente todas as culturas, sabe-se quais as crianças que “levam jeito” ou “dispõem de bom ouvido” para o canto ou para a música e, por exclusão, quais as que revelam acentuado fracasso em suas tentativas. Ainda que não se considere em geral essa competência como inteligência, com frequência, ela é considerada um “talento”. (ANTUNES, 1997, p. 55)

Nota-se, ainda, um baixo número de publicações sobre educação musical para adultos que considere a teoria das inteligências múltiplas e fatores culturais na dinâmica do processo. Portanto, para tornar possível a realização de um panorama teórico que possibilitasse a realização deste estudo, fez-se necessária a união de várias áreas de conhecimento com o objetivo de conceituar, relacionar esses conceitos e iniciar uma discussão sobre educação musical de professores generalistas sob esta perspectiva diferenciada.

Visto que o professor tem o importante papel na formação cidadãos que serão atuantes no meio em que vivem, é válido ressaltar sua importância na transferência de valores e na manutenção de um sistema social.

Ser um adulto na sociedade não se resume a uma questão de saber velejar, costurar ou escrever; é também uma questão de adotar certas crenças e participar significativamente de vários procedimentos e rituais. Mais uma vez, os processos de aquisição podem variar, mas a cultura não consegue persistir sem que a próxima geração tenha assimilado seu credo definidor. (GARDNER, 1999, p. 37)

Neste trabalho, portanto, considera-se o adulto como sendo o professor de escola básica que teve ou não acesso ao conhecimento musical formal em qualquer fase de sua vida, e precisa colocar em prática tal conhecimento para cumprir a lei nº 11.769/2008. Parte-se do pressuposto de que, se o docente conseguir promover seu próprio desenvolvimento musical, incluirá essa prática em sala de aula de maneira eficaz, comprometida e com qualidade.

O presente trabalho tem como objetivo desmistificar o conceito de talento, substituindo-o pelo conceito de inteligência musical, bem como destacar as principais diferenças entre o ensino para crianças (Pedagogia) e o ensino para adultos (Andragogia), conceituar e lançar luz ao *fator cultural* como sendo o principal aspecto a ser observado na formação musical de professores, mas também como principal impeditivo para o cumprimento da lei se não for considerado durante o processo de ensino-aprendizagem.

2 | PEDAGOGIA VERSUS ANDRAGOGIA

Neste trabalho serão mencionadas apenas duas vertentes de ensino, Pedagogia e Andragogia. De maneira básica, pode-se definir a Pedagogia como sendo direcionada para o ensino de crianças, e a Andragogia direcionada ao ensino de adultos.

[...] Andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. [...]. Em contraposição à Pedagogia (do grego paidós, criança), que se refere à educação de crianças, a Andragogia é a arte de ensinar adultos, sendo um modelo de educação que busca compreender o adulto dentro da escola, rompendo com aqueles padrões apresentados pela Pedagogia. (MARTINS, 2013, p. 145)

Nos ambientes em que o ensino de música é praticado, seja em conservatórios, aulas particulares ou ambientes de ensino não formais, como igrejas e ONGs, ainda é tímida a utilização de metodologias andragógicas para o aprendizado do aluno adulto (DIAS, 2014). Em cursos de formação continuada de professores, percebe-se esta mesma dificuldade (ARAÚJO, 2012).

As consequências dessa prática podem ser elucidadas se forem observadas algumas diferenças cruciais entre as duas vertentes. Algumas dessas peculiaridades importantes foram destacadas por Nogueira (2004), e elencadas na seguinte tabela.

Processo de (ensino) aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Elaboração do plano de aprendizagem	Pelo professor;	Pelo auxiliador de aprendizagem e pelo aprendente;
Diagnóstico de necessidades	Pelo professor;	Pelo auxiliador de aprendizagem e pelo aprendente;
Estabelecimento de objetivos	Pelo professor;	Através de negociação mútua;
Tipologias de planos de aprendizagem	Planos de conteúdos organizados de acordo com uma sequência lógica;	Diversos planos de aprendizagem (e.g. contratos de aprendizagem, projectos de aprendizagem sequenciados pela prontidão dos aprendentes;
Técnicas de (ensino) aprendizagem	Técnicas transmissivas;	Técnicas activas e experienciais;
Avaliação	Pelo professor; Referência a normas; Através de pontuação, notas.	Pelo aprendente; Referência a critérios; Através da validação dos companheiros, facilitador de aprendizagem e peritos na área.

Tabela 1. Elaborada por Nogueira (2004), a tabela a seguir destaca as principais diferenças entre as perspectivas da Pedagogia e da Andragogia.

Analisando os dados da tabela, pode ser verificado que a andragogia possui suas bases completamente centradas no aluno, chamado por Nogueira (2004) de aprendente,

em completo antagonismo ao que se pratica na pedagogia, perspectiva na qual o professor tem papel de decisão mais influente.

Faz-se necessário discutir, ainda, outros aspectos determinantes no contexto da andragogia. Dentre vários (CHOTGUIS, 2007, p. 2), os elementos a serem enfatizados neste estudo serão a autoeficácia, a autorregulação e a motivação.

A autoeficácia é, em resumo, a ideia que o aluno tem de suas próprias capacidades. “Não se trata de possuir ou não tais capacidades pois não basta que estejam presentes, o aluno tem de acreditar que as possui” (CARVALHO, 2017). A autoeficácia é, portanto, um aspecto interno do indivíduo. “são percepções que os indivíduos têm sobre suas próprias capacidades. Essas crenças de competência pessoal proporcionam a base para a motivação humana, o bem estar e as realizações pessoais” (Pajares e Olaz, 2008, p.101 apud Gonçalves e Araújo, 2014, p.142).

A crença de autoeficácia pode ser, inclusive, mensurada. A pesquisa realizada por Gonçalves e Araújo (2014), por exemplo, apontou dados importantes com relação ao tempo de aprendizado e o nível de senso de autoeficácia em estudantes da disciplina de Percepção Musical em cursos de graduação na área de música.

Os resultados mais significativos desta pesquisa são os que relacionam as crenças de autoeficácia com o tempo de estudo de música. Em 89% da amostra total há uma relação direta entre o tempo de estudo e o aumento das crenças de autoeficácia em relação à disciplina de Percepção Musical. Ou seja, quanto mais tempo de estudo de música, maiores são as crenças de autoeficácia. (GONÇALVES; ARAÚJO, 2014, p. 149)

Este conceito se mostra particularmente importante se observado o cenário encontrado por alguns pesquisadores de educação musical, não apenas no Brasil. Figueiredo (2004) destaca que a ideia do talento como determinante para a prática musical é muito frequente entre professores generalistas, e no presente trabalho esta ideia está intimamente ligada ao conceito de crença de autoeficácia. Segundo Figueiredo (2004), é comum considerar

a música e também as outras artes como pertencentes a um tipo exclusivo de conhecimento humano, acessível apenas para um número restrito de pessoas que nascem com os dons necessários para usufruir dessa condição. Essa perspectiva da música apenas para poucos privilegiados não é exclusiva do contexto brasileiro, e em várias partes do mundo essa situação se repete (Fromyhr; Bingham, 1997; Hennessy, 2000; Mills, 1989). (FIGUEIREDO, 2004, p. 56)

Além das crenças de autoeficácia, aponta-se uma relação entre o quesito avaliação e a autorregulação, sugerindo-as como interdependentes no ensino (aprendizado) para adultos.

A autorregulação envolve competências que permitem ao aluno fazer diagnósticos realistas do que já sabe e do que necessita de aprender, a desenvolver planos de estudo onde determina objetivos, selecionar estratégias, organizar ações e avaliar resultados, e também monitoriza os procedimentos utilizados, isto é, testa-se a si próprio, autoavalia-se e corrige-se. (CARVALHO, 2017, p. 34)

Os conceitos de autoeficácia e autorregulação são complementares na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, de Bandura (BANDURA, 2008: 24 apud OTUTUMI, 2017,

p. 170). Ambos, inclusive, podem se alterar durante processo de desenvolvimento do indivíduo e não se limitam a um ambiente formal de ensino, mas englobam qualquer meio que propicie aprendizado e que envolva todos os indivíduos que compartilham o mesmo ambiente.

[...] aprender não está somente na pessoa do aluno, no contexto formal de ensino ou restrito aos conteúdos programáticos da disciplina. Sob um “guarda-chuva” que nos considera pró-ativos e verifica o diálogo com o meio de modo criativo, aprender envolve também o aprendizado dos professores e da instituição. (OTUTUMI, 2017, p. 171)

Finalizando o trio de pilares selecionados para este trabalho, o aluno adulto conta, ainda, com o fator motivação, que é, por sua vez, também interligado aos conceitos já citados e se configura como uma habilidade nata, ou seja, que pode ser aprendida.

A motivação tem duas formas de se apresentar: a primeira é a intrínseca e a segunda é a extrínseca. A motivação intrínseca é a principal no processo de aprendizagem porque parte do próprio indivíduo, fazendo com que o aluno busque mais conhecimento voluntariamente, sem que haja um fator externo o impulsionando para essa busca (CARVALHO, 2017).

A motivação extrínseca, no entanto, pode ser o fator que leva o aluno a desenvolver sua motivação interna. Especificamente no docente, o ideal é que a motivação interna esteja bem desenvolvida para que, através da prática de motivação externa, ele possa influenciar seus alunos a desenvolverem em si uma motivação intrínseca.

Após essa breve explanação sobre os três conceitos aqui adotados para uma análise diferenciada do processo de aprendizagem musical por professores não especialistas, será incluído à discussão o conceito de inteligência musical, promovido pela teoria das inteligências múltiplas, de Gardner (1994).

3 | TALENTO VERSUS INTELIGÊNCIA

Neste trabalho, o conceito de talento sob uma perspectiva excludente e definitiva é tratado como crença popular e oposto à ideia de inteligência. A discrepância entre talento e inteligência musical tal qual se apresenta no presente estudo pode ser entendida com a colocação de Antunes (1998):

[...] a ideia que se faz do talento é que ele se apresenta praticamente “pronto” nas pessoas e que, quando surge, quase sempre dispensa aperfeiçoamento. A ideia sobre inteligência é bem diferente. Todas as inteligências existem em quase todas as pessoas e as poucas que não as possuem são claramente identificáveis por seus problemas de autismo ou deficiência neurológica congênita. (ANTUNES, 1998, p. 55-56)

O conceito de talento não deve ser encarado, apesar disso, como uma expressão puramente negativa, pois há, obviamente, pessoas com desenvolvimento musical prodigioso. Todavia, o objetivo deste trabalho é aplicar o conceito de inteligência na formação de docentes, apresentando a possibilidade real de pessoas não talentosas, ou

pelo menos não inclinadas naturalmente ao conhecimento musical, sendo capazes de aprender e compreender a música.

Em uma perspectiva mais abrangente,

A inteligência é, pois, um fluxo cerebral que nos leva a escolher a melhor opção para solucionar uma dificuldade e que se completa como uma faculdade para compreender, entre opções, qual a melhor; ela também nos ajuda a resolver problemas e até mesmo a criar produtos válidos para a cultura que nos envolve. (ANTUNES, 1997, p. 12)

Gardner (1999) amplia essa caracterização de inteligência, indicando, ainda, que além de apenas resolver situações, o indivíduo inteligente é capaz de criar novos problemas.

As inteligências são potencialidades em diversas áreas do conhecimento humano. Dependem “dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros” (GARDNER, 1999, p. 47).

Em caráter provisório, inicialmente sete tipos de inteligência foram definidos por Gardner (1994). Anos mais tarde, porém, o pesquisador adicionou duas inteligências às sete primeiras, somando nove tipos de inteligência humana. São elas a inteligência linguística, a inteligência musical, a inteligência lógico-matemática, a inteligência espacial, a inteligência corporal-cinestésica, as inteligências pessoais - interpessoal e intrapessoal, a inteligência naturalista e a inteligência existencial (GARDNER, 1994; 2000).

Cada uma dessas inteligências possui características próprias de sua natureza. O presente estudo, entretanto, permanece centrado nos principais atributos da inteligência musical, sendo ela uma das mais precocemente identificáveis, e podendo ter suas nuances notadas ainda na infância.

Sua competência se manifesta, desde muito cedo, pela facilidade em identificar sons diferentes, perceber as nuances de sua intensidade, captar sua direcionalidade. Especificamente na música, a inteligência percebe com clareza o tom ou a melodia, o ritmo ou a frequência e o agrupamento dos sons e suas características intrínsecas, geralmente denominadas de timbre. (ANTUNES, 1997, p. 55)

Tipicamente confundida com talento ou dom, a inteligência musical possui semelhanças importantes com a inteligência linguística, mas, na maioria das culturas, a primeira é configurada como habilidade prodigiosa, e a segunda, como inteligência. (GARDNER, 2000, p. 57)

Fato é que, apesar de ser muito incentivada no início da vida, a música não permanece no centro de prioridades da educação de um indivíduo ocidental a partir da idade escolar. A inteligência linguística e a lógico-matemática, nesse contexto, tornam-se prevalentes. Ainda há “a priorização das outras matérias como indispensáveis à formação humana, enquanto a arte permanece como pouco significativa para a educação.” (ROSSI, 2006, p. 112)

Além de ser pouco valorizada no âmbito acadêmico, a ideia que se faz do ato de compor músicas, executar um instrumento ou ser capaz de compreender uma canção é

de que são habilidades naturais que pertencem apenas a pessoas predestinadas a isso, e não é concebido como uma inteligência, que pode ser, portanto, desenvolvida.

Não foi com enfoque no aprendizado da música como desenvolvimento da inteligência que a lei nº 11.769/2008 foi promulgada, mas esta alterou a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB), e tornou obrigatório o ensino da música no ensino infantil, fundamental e médio. A expectativa, em 2008, era de que,

além das noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de instrumentos de orquestra, os alunos aprendam cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos para, assim, conhecer a diversidade cultural do Brasil. (Portal do MEC, 25 de agosto de 2008).

Visto que a intenção de incluir a música no currículo obrigatório do ensino básico não é recente, se faz necessário buscar motivações para que o ensino de música não tenha sido efetivamente colocado em prática.

A música, mesmo de forma vaga e limitada frente às perspectivas atuais, já estava presente em definições para escolas de educação básica no Brasil desde, pelo menos, o ano de 1854. Todavia, as definições estabelecidas em tais documentos, inclusive no Decreto nº 981, de 1890, não ganharam respaldo suficiente para garantir a presença da música na realidade das escolas brasileiras, tanto que outros documentos da legislação nacional destinados à educação básica, publicados nas duas primeiras décadas do século XX, não dão qualquer destaque à presença de conteúdos musicais na formação escolar. (QUEIROZ, 2012, p. 28)

Portanto, buscou-se investigar como o *fator cultural* pode ser o elemento determinante na dificuldade em alcançar o êxito na aplicação da lei, com a atenção voltada para o desenvolvimento musical dos agentes que possibilitam sua prática, ou seja, os professores de ensino básico.

O termo *fator cultural* é um conceito altamente abrangente, não encontrado em nenhuma bibliografia da mesma maneira tal qual aqui se apresenta. Um vislumbre parcial de um dos aspectos do *fator cultural* pode ser encontrado em um dos trabalhos de Gardner (1999), em sua explicação sobre os símbolos e como eles são importantes para os seres humanos.

“[...] os símbolos são associados a certas práticas de adulto ou “domínios” – habilidades ou disciplinas valorizadas pela cultura e que podem ser dominadas por meio de aprendizados conhecidos.” (GARDNER, 1999, p. 20)

No entanto, essa afirmação engloba apenas uma face do termo, que, inicial e provisoriamente, pode ser compreendido como todas as prioridades de uma determinada cultura. No *fator cultural* estão incluídos, portanto, os resultados e disciplinas acadêmicas mais apreciadas em determinado meio, predominância do senso comum em detrimento de saberes científicos, e emoções inerentes à vivência da vulnerabilidade (como vergonha e medo do fracasso) que, no caso específico da música, afetam a relação entre ideal de performance e as crenças de autoeficácia.

Um ciclo pode ser observado no que tange ao aprendizado de música por professores

de escolas básicas. Na tentativa de ilustrar o ciclo de aprendizado em uma perspectiva simplificada, mostrando como o *fator cultural* é determinante no processo, pode-se observar a figura.

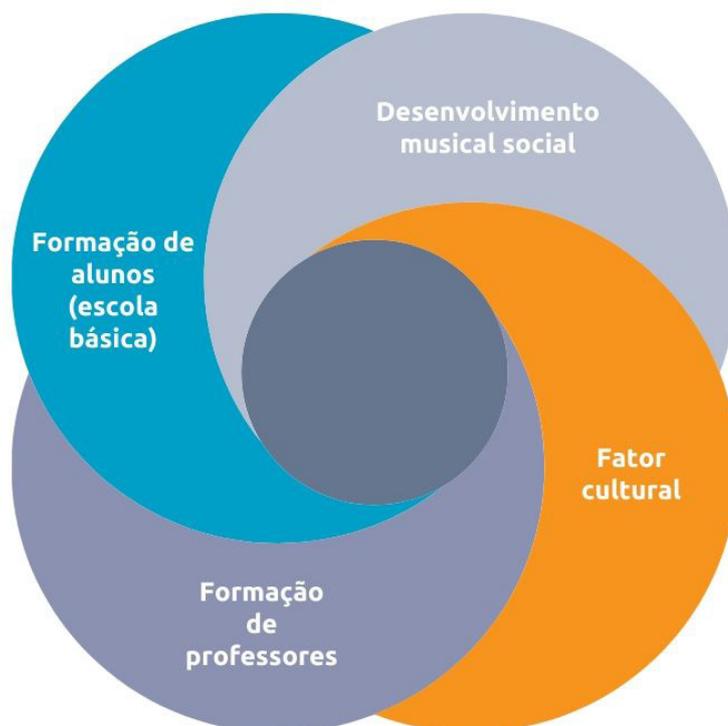


Figura 1. Ciclo básico do desenvolvimento musical de uma sociedade, incluindo o conceito *fator cultural* como determinante no processo.

Tal como se caracteriza um ciclo, é inútil desejar que as crianças tenham um desenvolvimento mais significativo através do aprendizado do conhecimento musical sem olhar atentamente para o adulto que será mediador desse aprendizado. A maneira mais significativa para que ocorra o desenvolvimento musical dos professores generalistas, alunos e, conseqüentemente, da sociedade, seria promovendo uma nova mentalidade sobre cultura e inteligência.

4 | A INFLUÊNCIA DO FATOR CULTURAL NO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DO DOCENTE

Sobre quem poderá dar aula de música na escola, podemos responder, embasados na LDB, que são profissionais formados em cursos reconhecidos, especificamente em cursos de licenciatura em música. Como prevê a lei, poderão ser abertas exceções para a educação infantil, o ensino fundamental I e a educação de jovens e adultos, modalidades da educação básica em que atua o professor “generalista”, profissional que pode ser formado em licenciatura, em pedagogia ou ter a formação mínima oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (QUEIROZ, 2012, p. 34)

A maioria dos programas de capacitação musical de professores proporciona o aprendizado de atividades musicais que podem ser reproduzidas com seus alunos, mas não contempla, de maneira ampla, o desenvolvimento da sua inteligência musical (ARAÚJO, 2012), fato que o tornaria capaz de elaborar suas próprias estratégias de ensino, aumentaria seu senso de autoeficácia e ampliaria, assim, as chances de aplicação da lei, proporcionando uma cultura mais rica e envolvente para a comunidade escolar e, conseqüentemente, para a sociedade.

[...] pesquisas mostram que o professor de anos iniciais, mesmo tendo cursado disciplinas de Educação Musical durante a formação superior, muitas vezes, se sente inseguro e sem confiança para desenvolver conhecimentos musicais em suas salas de aula. Assim, percebemos que a questão da confiança que esse professor sente em relação à área é um dos aspectos centrais para compreendermos sua relação com a Educação Musical. (WEBER; BELLOCHIO, 2018)

Ao tripé de conceitos adotado para o estudo – crenças de autoeficácia, autorregulação e motivação – acrescenta-se o conceito de vulnerabilidade proposto por Brown (2015) para compreender como todo o processo de aprendizagem musical do adulto é definido por uma aceitação de suas fraquezas e potencialidades: “vulnerabilidade é incerteza, risco e exposição emocional” (p. 28).

Ainda segundo esta autora, a vulnerabilidade está atrelada à vergonha, e essa “corrói a parte de nós que acredita que podemos mudar e fazer melhor” (BROWN,). Quando conectadas as habilidades musicais, que envolvem performance e noção de autoeficácia, aos conceitos de vulnerabilidade e vergonha pode-se observar que são conceitos indissociáveis, portanto, complementares, logo, não devem ser desconsiderados como fator importante na formação de professores.

Os professores alegam que não têm conhecimento suficiente da área de música para ministrar as aulas. Quando sua habilitação é em artes cênicas, julgam-se capacitados para dar conteúdos de artes plásticas, mas não de música: “música é mais difícil”. As atividades da área de artes plásticas são muito mais frequentes. (ROSSI, 2006, p. 111)

A convicção de que é necessário possuir talento, unida à baixa crença de autoeficácia do professor generalista, gera o sentimento de incapacidade em alcançar a fluência musical que este professor julga ser necessária para o ensino.

A ideia de que a musicalidade é uma característica humana ao alcance de todos (Maffioletti, 2001), é muito bem-vinda na formação inicial de professores, pois desconstrói pensamentos do senso comum ligados ao talento musical e promove rupturas na concepção de que música é algo inacessível. (CUERVO; MAFFIOLETTI, 2018, p. 92)

A dificuldade de aceitação de importância (GARDNER, 2000) também pode ser considerada partícipe do *fator cultural*, e passa por pontos como:

“Qual é a importância de ser criativo? Qual é a importância das artes? [...] É mais importante saber muitos fatos ou assegurar um conhecimento mais profundo de um número limitado de disciplinas? [...] Queremos alunos com cultura geral ou especializados em uma ou duas áreas?” (GARDNER, 2000, p. 176-177)

Embora a cultura brasileira seja bastante rica, principalmente devido à extensão territorial do país e multiplicidade de etnias, música como área de conhecimento não é valorizada como conteúdo acadêmico, seja por alunos, professores ou governos (FIGUEIREDO, 2005).

A presença ou ausência da música na escola deve-se ao significado que professores e alunos atribuem a esse conhecimento. Nas escolas em que não persiste a atividade musical, ficou claro que o objetivo era o do espetáculo, pois, passado o momento e a motivação da apresentação/festival, a atividade cessou. Nas escolas em que a atividade permaneceu, a música tem um significado em si. A música é o objetivo, a motivação. (ROSSI, 2006, p. 110)

Não será possível influenciar crianças e, conseqüentemente, ampliar o conhecimento cultural de uma nação, sem que haja uma motivação intrínseca planejada, orientada e bem definida por parte de professores, diretorias escolares e governos.

Há uma cultura estabelecida no contexto educacional de que arte não é importante e que serve (na melhor das hipóteses) para deixar o ambiente mais bonito e agradável, ou então facilitar a aprendizagem de outras áreas mais nobres do currículo. Enquanto não existe uma compreensão sobre a importância da música na escola é muito difícil vislumbrar qualquer mudança significativa para a educação musical escolar. (FIGUEIREDO, 2005, p. 25-26)

Sendo uma intersecção entre a teoria das inteligências múltiplas, conceito de vulnerabilidade, andragogia e mentalidade cultural dos envolvidos, espera-se que esta seja apenas uma introdução ao assunto. À medida que novas soluções e questionamentos se apresentem, se faz necessária uma revisão de relações e implicações, e, possivelmente, uma pesquisa empírica para coleta e análise de dados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. Campinas: Papyrus, 2006. 141 p. Coleção Papyrus Educação.

ARAÚJO, Gabriela da Ros de. **Formação continuada em música: reconstruindo conhecimentos musicais e pedagógico-musicais com professoras unidocentes**. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7107/ARAUJO%2C%20GABRIELA%20DA%20ROS%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Título original: Daring greatly.

CARVALHO, Patrícia Maria Cavaca. **A aprendizagem de um instrumento musical na idade adulta**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino da Música – Instrumento (viola) e Classe de Conjunto, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/6123/1/Patricia%20Carvalho%2819%29.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

CHOTGUIS, José. **Andragogia: arte e ciência na aprendizagem do adulto**. 2007. Coordenação de integração de Políticas de Educação a Distância - UFPR. Disponível em: <<http://www.nead.ufpr.br/conteudo/artigos/andragogia.pdf>>. Acesso em 08 de ago. 2019.

DIAS, Adriana Moraes dos Santos. Ensino de música na fase adulta: aspectos introdutórios. **Revista da Tulha**, [s.l.], v. 1, n. 2, p.406-416, 22 dez. 2015. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2447-7117.rt.2015.108733>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/108733>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Educação musical nos anos iniciais da escola: identidade e políticas educacionais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, 21-29, mar. 2005.

_____. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 55-61, set. 2004.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. São Paulo: Artes Médicas, 1994. Título original: *Frames of mind: The theory of multiple intelligences*.

_____. **Inteligência**: um conceito reformulado: o criador da teoria de inteligências múltiplas explica e expande suas idéias com enfoque no século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 347 p.

MARTINS, Rose. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.143-153, 30 jun. 2013. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/rep-v12n12013-rel04>.

OTUTUMI, Cristiane Hatsue Vital. As Cartas do Gervásio e a autorregulação da aprendizagem como potencializadoras do estudo na Percepção Musical. **Opus**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.166-192, 17 dez. 2017. OPUS. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2017c2308>.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008. **Revista da ABEM**, v. 20, n. 19, 23-38, jul.dez. 2012. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/88>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ROSSI, Doriane. **Atividades musicais extracurriculares e aulas de artes nas escolas estaduais de ensino médio do município de Curitiba**. 2006. 242 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/6597>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

SOBREIRA GONÇALVES, L., CARDOSO DE ARAUJO, R.. Um estudo sobre percepção musical e crenças de autoeficácia no contexto de uma instituição de ensino superior paranaense. **Revista da ABEM**, Londrina, 22, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/475>>. Acesso em: 11 set. 2019.

WEBER, Vanessa; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A importância das crenças de autoeficácia para o ensino de música no contexto da unicodência. In: Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical, 18., 2018, Santa Maria. **XVIII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical**. Disponível em: <<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/sl2018/regsl/paper/viewFile/3127/1543>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Musica Colonial Brasileira 130

O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020